



5 crônicas  
selecionadas

Ivan  
Martins  
Alguém  
especial

Crônicas de  
amor, sexo  
& outras  
fatalidades

Benvirá

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

Ivan Martins

# Alguém especial

Benvirá

*À minha mãe,  
às minhas irmãs,  
aos meus filhos.*

# Agradecimentos

À Marina, que inspira, opina e aguenta...

Às amigas, que contam,

E às leitoras, cuja existência me  
enche de espanto e de orgulho.

# Prefácio

O livro que você tem nas mãos nasceu de uma ausência. Quatro anos atrás, eu sentia falta de ler sobre relacionamentos. As pessoas que me cercavam falavam de seus problemas amorosos o tempo todo. O assunto parecia ocupar o centro das suas atenções e da sua existência, como da minha. Apesar disso, eu não encontrava fora da literatura um tratamento do assunto que expressasse a minha visão sobre essas coisas. Faltava na imprensa, embora sobrasse no bar, aquela mistura de ideias e experiências que define a maneira como cada geração enxerga o mundo. Quando comecei a escrever, achava que poderia contar o que as pessoas como eu sentiam em relação ao sexo, ao amor e aos relacionamentos. Mas o que aconteceu não foi bem isso.

Escrever, a gente percebe logo de cara, não tem nada a ver com expressar uma vivência coletiva. De forma consciente ou não, quem escreve fala sistematicamente de si mesmo, ainda que fale sobre os demais. A escolha do assunto, a maneira de abordá-lo e mesmo as palavras utilizadas — tudo isso faz parte de um processo dolorosamente íntimo, que tem a ver apenas tangencialmente com os grupos ou a geração a que você pertence. Escrever é descobrir-se, inclusive no sentido de desnudar-se, e não servir de alto-falante ao que quer que seja. Que a gente se identifique com aquilo que outra pessoa escreve é apenas uma feliz coincidência.

Assim que as minhas crônicas começaram a aparecer às quartas-feiras no site da revista *Época*, fiz uma descoberta. As pessoas se diziam surpreendidas com aquilo que liam. Eu, que acreditava estar falando sobre elas, na verdade falava para elas. Mesmo as histórias que eu frequentemente "roubava" de amigas e amigos chegavam ao leitor através de um filtro — o da subjetividade —, que às vezes as tornava irreconhecíveis para os seus próprios protagonistas. Com o tempo, foi ficando claro que, apesar do treinamento de trinta anos como jornalista, o que eu estava fazendo não era mais narrar de forma fidedigna as histórias que recolhia pelo mundo. O essencial do que eu escrevia sobre relacionamentos vinha de mim.

Quando se percebe uma coisa dessas, a pergunta que surge em seguida é inevitável: o que eu tenho a dizer que possa interessar as pessoas? Se você vai sentar diante do computador uma vez por semana, falar sobre si mesmo, seus amigos e suas ex-mulheres para um número relevante de leitores, é melhor que saiba o que está dizendo. Eu, com toda certeza, não sabia. Os assuntos me escolhiam mais do que eu os escolhia. A obrigação de publicar — semana sim, semana também — faz com que as coisas fiquem ainda mais confusas. Você não escreve quando tem algo a dizer, escreve quando tem de escrever. A inspiração é parte superestimada do processo. Obrigação vem em primeiro lugar. Disciplina é a palavra-chave.

É com o tempo, portanto, e com o acúmulo de textos, que a gente descobre o que tem a dizer. Ouvir a própria mensagem é difícil. Ela começa a chegar, esparsamente, pela voz dos outros. Uma amiga escreve para dividir seus sentimentos sobre a coluna da semana. Um amigo se queixa, no bar, de que seus textos se preocupam demais em agradar as mulheres. A sua imagem como autor começa a se

formar diante dos seus próprios olhos, aos pedaços. É assim que você descobre o que está dizendo ao mundo.

A internet, claro, torna tudo mais interessante. A relação com os leitores do site é instantânea e visceral. Um comentário elogioso ao pé da coluna ilumina algo que você faz e nem sabia. Uma crítica grosseira mostra a que tipo de ideias você está se contrapondo. As reações não deixam margem a dúvidas. São diretas, emocionais, exageradas. O leitor da internet se dirige a você com o carinho de quem o conhece há muitos anos. Ou com o escárnio de quem o despreza. A pedagogia da multidão é inesquecível. Rapidamente você descobre a sua turma.

Nesses quatro anos de trocas com os leitores, descobri algumas coisas importantes a meu respeito.

Está claro para mim que, se eu tiver de errar escrevendo, será em favor das mulheres. Não falta gente no mundo para acusá-las disso e daquilo. Não me presto a esse papel. No varejo, tive as mesmas experiências maravilhosas e detestáveis de qualquer sujeito com as mulheres. Sei que não são santas nem boazinhas. Mas, no atacado, acho que as mulheres são uma força tremendamente positiva. Não apenas na família. Acredito que um mundo em que as mulheres tenham mais poder e mais influência será um mundo melhor. É a minha maneira de ser feminista.

Também está claro que os meus sentimentos e as minhas opiniões se inclinam em favor de estilos de vida que os conservadores acham ultrajantes. Tenho simpatia pelas pessoas que se assumem homossexuais e vivem plenamente suas vidas. Não vejo nada de errado em que uma mulher tenha tido dezenas de amantes. Penso que sexo casual é ótimo e que, se envolver mais de duas pessoas, pode ser ainda melhor. Não consigo mais acreditar que os casais



permanecerão juntos e felizes para sempre — um amor depois do outro é o que nos cabe. Talvez até amores simultâneos, para quem tiver coragem. Somos livres e vivemos tempos emocionalmente turbulentos. Temos o dever de recolher os cacos e recomeçar. Fazer isso talvez seja o nosso destino, afinal.

A primeira coluna que publiquei na internet chamava-se *A devoção pelas mulheres* e, de certa forma, antecipava os temas de que eu viria a tratar depois. Estão lá o sexo, o romantismo, a necessidade imperiosa de ser reconhecido e amado. Esses ainda são os meus assuntos favoritos. O impulso que me leva a escrever toda semana é o mesmo que impele qualquer sujeito a ligar para uma amiga e perguntar: por que fulana não me quer mais? Há uma interrogação insolúvel em nossos relacionamentos. Vivemos perplexos, repletos de sentimentos e de perguntas. O que sentimos pelos outros é um mistério verdadeiramente inesgotável — diante do qual, frequentemente, só nos resta rir, de nós e dos outros.

Este livro contém alguns textos inéditos e outros já publicados na internet. Entre estes, selecionei os favoritos dos leitores e alguns da minha predileção. Acho que nada essencial ficou de fora — exceto o que é muito recente, e pode vir a compor a próxima antologia.

No processo de selecionar os textos, lendo e relendo o que eu mesmo havia escrito, fui forçado a me perguntar, não pela primeira vez, o que habilita um sujeito como eu a escrever sobre sentimentos.

Há pessoas com histórias muito melhores do que as minhas para contar. Conheço muita gente que viveu mais e muito mais intensamente os seus amores do que eu. Há por aí quem escreva maravilhosamente e seja capaz de comunicar seus sentimentos com

sutilezas de detalhes das quais eu sequer me aproximo. Por isso tudo, frequentemente me sinto algo charlatão. Quando comecei a escrever, estava iniciando um trabalhoso processo de psicanálise. Ele me levou muito fundo e me deu muito material. Mas a análise acabou, eu me dei alta, e, desde então, tenho estado apenas com as minhas ideias e as minhas palavras. O que há nelas que mereça a atenção das outras pessoas? Ainda não achei uma boa resposta para essa pergunta.

Quando eu tinha 13 anos, me apaixonei secretamente por uma garota da minha classe na escola. Ainda hoje, mesmo de olhos abertos, sou capaz de me lembrar do seu sorriso. Quando ela resolveu namorar um dos meus amigos, aquilo doeu como nada tinha doído antes. Era uma forma de tristeza nova, cheia de significados, que me abriu a percepção para coisas como a música e a poesia. Nunca fui capaz, depois daquela experiência, de imaginar que o amor fosse tranquilo ou descomplicado. Muito menos algo assegurado. O drama entrou na minha vida com a primeira paixão de adolescente e nunca mais foi embora. De certa maneira, eu me dediquei a entendê-lo.

Talvez essa visão complicada do afeto torne as crônicas que eu escrevo dignas de serem lidas. São retratos de um mundo no qual gozamos de absoluta liberdade, mas no qual ainda nos sentimos insatisfeitos e sozinhos. Elas falam do momento mágico em que o desejo e o carinho subvertem a rotina da nossa vida. Relatam com o humor possível, ou com inevitável rabugice, nossa contínua perplexidade diante da mudança: dos sentimentos, das relações, do corpo. O mundo dos comerciais de margarina derreteu à nossa volta, e ficaram dele apenas os cachorros e as crianças. Eu gosto de imaginar que estou contando o que veio depois.

Ivan Martins  
São Paulo, 08 de março de 2013.

# Alguém especial

*É isso que você quer — ou um monte de gente basta?*

“Ficar com muita gente é fácil”, diz um amigo meu, com pouco mais de 25 anos. “Difícil é achar alguém especial.”

Faz algum tempo que tivemos essa conversa. Ele tentava me explicar por que, em meio a tantas garotas bonitas, a tantas baladas e viagens, ele não se decidia a namorar. Ele não disse que estava sobrando mulher. Não disse que seria um desperdício escolher apenas uma. Não falou em aproveitar a juventude ou o momento. Disse apenas que é difícil achar alguém especial. Na hora, parado com ele na porta do elevador, aquilo me pareceu apenas uma desculpa para quem, afinal, está curtindo a abundância. Foi depois que eu vim a pensar que existe mesmo gente especial, e que é difícil topor com uma delas.

Claro, o mundo está cheio de gente bonita. Também há pessoas disponíveis para quase tudo, de sexo a voos de asa-delta. Para encontrar gente animada, basta ir ao bar, descobrir a balada certa, chegar na festa quando ela estiver bombando. Se você não for muito feio ou muito chato, vai se dar bem. Se você for jovem e bonita, vai ter chance de escolher. Pode-se viver assim por muito tempo, experimentando, trocando de gente sem muita dor e quase sem culpa, descobrindo prazeres e sensações que, no passado, estariam proibidos, especialmente às mulheres.

Mas talvez isso tudo não seja suficiente. Talvez seja preciso, para sentir-se realmente vivo, algo que não se obtém apenas trocando de parceiro ou de parceira toda semana. Talvez seja preciso, depois de algum tempo na farra, ficar apaixonado. Na verdade, ficar apaixonado pode ser aquilo que nós procuramos o tempo inteiro — mas isso, diria o meu jovem amigo, exige alguém especial.

Desde que ele usou essa expressão, fiquei pensando, mesmo contra a minha vontade, sobre o que seria alguém especial, e ainda não encontrei uma resposta satisfatória. Provavelmente porque ela não existe.

Você certamente já passou pela sensação engraçada de ouvir um amigo explicando, incansavelmente, por que aquela garota por quem ele está apaixonado é a mais linda e mais encantadora do mundo — sem que você perceba nela nada de especial. OK, a garota é bonitinha. OK, o sotaque dela é charmoso. Mas quem ouvisse o cara falando acharia que ele está namorando a irmã gêmea da Mila Kunis. Para ele, aquela garota é única e quase sobrenatural, e isso basta.

Disso se deduz, eu acho, que a pessoa especial é aquela que nos faz sentir especial.

Tenho uma amiga que anda apaixonada por um sujeito que eu, com a melhor boa vontade, só consigo achar coxinha. Mas o tal rapaz, que parece ter nascido no cartório, faz com que ela se sinta a mulher mais sensual e arrebatadora do planeta. É uma química inexplicável entre um furacão e um copo de água, mas que funciona maravilhosamente. Ela, linda e selvagem, escolheu um cara que toma banho engravatado, entre tantos outros que se ofereciam. Ele a faz sentir-se de um modo que ninguém mais faz. E basta.

É preciso admitir que há gente que parece especial para todo mundo. Não estou falando de atores e atrizes ou qualquer dessas celebridades que colonizam as nossas fantasias sexuais como cupins. Falo de gente normal extremamente sedutora. Isso existe, entre homens e entre mulheres. São aquelas pessoas com quem todo mundo quer ficar. Aquelas por quem um número desproporcional de seres humanos é apaixonado. Essas pessoas existem, estão em toda parte, circulam entre nós provocando suspiros e viradas de pescoço, mas não acho que sejam a resposta aos desejos de cada um de nós. Claro, todo mundo quer uma chance de ficar com uma pessoa dessas. Mas, quando acontece, não é exatamente aquilo que se imaginava. Você pode descobrir que a pessoa que todo mundo acha especial não é especial para você.

De minha parte, tendo pensado um pouco, acho que a pessoa especial é aquela que enche a minha vida. Ela é a resposta às minhas ansiedades. Ela me dá aquilo que eu nem sei que preciso — às vezes é paz, outras vezes, confusão. Eu tenho certeza de que ela é linda porque não consigo deixar de olhá-la. Tenho certeza de que é a pessoa mais sensual do mundo, uma vez que eu não consigo tirar as mãos dela. Certamente é brilhante, é a mulher mais engraçada do mundo, pois me faz rir o tempo inteiro. Tem também um senso de humor inteligentíssimo, visto que adora as minhas piadas. Com ela, eu viajo, durmo, como, transo e até brigo bem. Ela faz com que eu me sinta inteiro.

Deve ser isso que o meu amigo tinha em mente quando se referia a alguém especial. Se for isso, vale a pena esperar. Todas as pessoas que passam na nossa vida são importantes de alguma forma, mas, de vez em quando, alguém tem de cavar um buraco bem fundo e ficar. Essas são especiais, e não são fáceis de achar.

# O amor bom é facinho

*Por que as pessoas valorizam tanto o esforço de sedução?*

Há conversas que nunca terminam e dúvidas que jamais desaparecem. Sobre a melhor maneira de iniciar uma relação, por exemplo. Muitos acreditam que aquilo que se ganha com facilidade se perde do mesmo jeito. Aham que as relações que exigem esforço têm mais valor. Mulheres difíceis de conquistar, homens difíceis de manter, namoros que dão trabalho — esses tendem a ser mais importantes e duradouros. Mas será verdade?

Eu suspeito que não.

Acho que somos ensinados a subestimar quem gosta de nós. Se a garota na mesa ao lado sorri em nossa direção, começamos a reparar nos seus defeitos: se ela fosse realmente bacana, não me daria bola assim, de graça. Se ela não resiste aos meus escassos encantos, é uma mulher fácil — e mulheres fáceis não valem a pena, certo? O nome disso é baixa autoestima: não entro em clube que me queira como sócio.

Também somos educados para o sacrifício. Aquilo que ganhamos sem suor não tem valor. Somos uma sociedade de lutadores, não somos? Temos de nos esforçar para obter recompensas. As coisas que realmente valem a pena são obtidas com muito esforço. De tanto ouvir essa conversa — na escola, no esporte, no trabalho —, levamos seus princípios para a vida íntima. Achamos que também no

terreno do afeto precisamos lutar, sofrer e triunfar. Se for fácil, não vale. Amor assim não tem graça, diz um amigo meu. Será mesmo?

Minha experiência sugere o contrário.

Desde a adolescência e no transcorrer da vida adulta, todas as mulheres importantes me caíram do céu. A moça que vomitou no meu pé na festa do centro acadêmico e me levou para dormir na sala da casa dela. Casamos. A garota de olhos tristes que eu conheci na porta do cinema e meia hora depois lambia o meu sorvete. Quase casamos. A mulher cujo nome eu perguntei na lanchonete do trabalho e 24 horas depois me chamou para uma festa. A menina do interior que resolveu dançar comigo num impulso. Nenhuma delas foi seduzida, conquistada ou arduamente convencida a gostar de mim. Elas tomaram a iniciativa — ou retribuíram sem hesitar a atenção que dei a elas.

Toda vez que eu insisti com quem não estava interessada, deu errado. Toda vez que tentei escalar o muro da indiferença, foi inútil. Ou descobri que, do outro lado, não havia nada. Na minha experiência, amor é um território em que coragem e iniciativa são premiadas, mas empenho, persistência e determinação nunca trouxeram resultado.

Relato essa experiência para discutir uma questão que me parece da maior gravidade: o quanto deveríamos insistir em obter a atenção de uma pessoa que não parece retribuir os nossos sentimentos?

Quem está emocionalmente disponível lida com esse tipo de dilema o tempo todo. Você conhece a figura, acha bacana, liga uns dias depois, e ela não atende e nem liga de volta. O que fazer? Você sai com a pessoa, acha ela o máximo, tenta um segundo encontro, e ela evita marcar a data. Como proceder? Você começou uma relação, está encantada, mas a outra parte, um belo dia, deixa de



retornar seus telefonemas. O que se faz? Você está apaixonado, levou um pé na bunda e mal consegue respirar. É o caso de tentar reconquistar ou seria melhor se proteger e ajudar o sentimento a morrer?

Todas essas situações conduzem à mesma escolha: insistir ou desistir.

Quem acha que o amor é um campo de batalha geralmente opta pela insistência. Quem acha que ele é uma ocorrência espontânea tende a escolher a desistência (embora isso pareça feio). Na prática, como não temos 100% de certeza sobre as coisas, e como não nos controlamos 100%, oscilamos entre uma e outra posição, ao sabor das circunstâncias e do tamanho do envolvimento. Mas a maioria de nós, mesmo de forma inconsciente, traça um limite até o qual se permite empenhar (ou rastejar) num caso desses. Quem não tem limites sofre além da conta — e frequentemente faz papel de bobo.

Uma das minhas teorias favoritas é de que, mesmo que a pessoa ceda a um assédio longo e custoso, a relação estará envenenada. Pela simples razão de que ninguém é esnobado por muito tempo ou de forma muito ostensiva sem desenvolver ressentimentos. E ressentimentos não se dissipam. Eles ficam e cobram um preço. Cedo ou tarde, a conta chega. Além disso, o tipo de personalidade que insiste demais numa conquista pode estar movida pelos motivos errados: o interesse é pela pessoa ou pela dificuldade? É caso de amor ou de amor próprio?

Ser amado de graça, acreditem, não tem preço. É a maior homenagem que uma pessoa pode nos fazer. Você está ali — no trabalho, na balada, nas férias, no churrasco, na casa do amigo —, e a pessoa simplesmente gosta de você. Ou você se aproxima com uma conversa mole, e ela o recebe de braços abertos. O que pode

ser melhor do que ser aceito e acolhido, gostado por aquilo que se é — sem truques, sem jogos, sem premeditações? Eu não consigo pensar em nada.

# Pelofobia

*As mulheres não se permitem mais ter pelos em lugar nenhum do corpo. Por quê?*

Não sei qual é a opinião de vocês, mas eu tenho a impressão de que o Brasil se tornou um país histórico com pelos. Na minha geração, que se tornou adolescente nos anos 70, as pessoas já gostavam de pernas lisas e de axilas desfrutáveis — mas hoje em dia vigora uma verdadeira pelofobia. As mulheres não se permitem mais ter pelos em lugar nenhum, em quantidade alguma. Das sobrancelhas ao períneo, tudo tem que estar liso como vidro, deserto como a superfície da Lua — sem as crateras, de preferência.

Quanto tempo se passou desde que a Vera Fischer posou nua exibindo uma versão louro-acastanhada da floresta amazônica? Quantos anos transcorreram desde que pelinhos para fora do biquíni eram a coisa mais sensual que se podia ver em Ipanema? Foi ontem que eu vi Julia Roberts aparecer numa cerimônia pública com pelos nas axilas?

As mulheres europeias — bonitas, sensuais, interessantes — não seguem o código da pele estéril. Antes de sair para passear, numa noite de verão, depilam as axilas para se exibir num vestido sem mangas. Mas essas mesmas mulheres, em outras circunstâncias, não hesitam em levar um homem para cama por causa de alguns pelos no corpo. Sobretudo aqueles pelos que os homens gostam (ou gostavam...) de descobrir.

Claro, me dizem, é cultural. As mulheres no Brasil gostam de andar sem pelos. Mas seria assim tão simples? Eu não acho. Acredito que essas estéticas “perfeccionistas” (meu termo favorito é onanistas) têm sido, na verdade, impostas às mulheres brasileiras, e de uma forma pouco sutil. Por causa das fotos de modelos e atrizes, as mulheres normais foram sendo pressionadas a cuidar do próprio corpo como se trabalhassem peladas numa boate. Acho, inclusive, que a última onda de depilação pubiana radical — que as mulheres afirmam ser dolorosa, degradante e terrivelmente trabalhosa — decorre da popularização dos vídeos pornô.

Para mim, isso tudo parece uma deformação, um exagero, uma burca ao inverso que as garotas assumem (ou vestem) como se fosse a coisa mais natural do mundo. Quem diz que um púbis sem pelos é mais bonito que um púbis com pelos? Quem diz que um tufo de pelos embaixo do braço é “nojento”? De onde veio essa ojeriza?

A lavagem cerebral fica completa quando a exigência deixa de ser imposta de fora (pelos homens, pela moda ou por quem quer que seja) e passa a ser uma demanda interior das próprias mulheres, que já não se imaginam ou se toleram de outra forma que não seja ultradepiladas. Convencidas, elas passam a policiar as outras, transmitindo a pelofobia de uma forma epidêmica. Se alguma delas estiver fora do padrão, vai ser olhada de lado pelas próprias mulheres, as fiscais mais exigentes do corpo e do comportamento umas das outras. O resultado disso é uma onda crescente de insegurança íntima: será que eu estou depilada o suficiente, ou pintada o suficiente, ou magra o suficiente, ou bronzada o suficiente, ou durinha o suficiente para provocar o desejo dos homens e a aprovação das outras mulheres?

Parece um pesadelo, e é.

Ao falar sobre isso, uma amiga me disse que abomina essa coisa dolorosa da “depilação íntima” e que adora a estética triangular dos pelos pubianos, mas que a cada dia se sente mais sozinha na sua delicada convicção. Está virando um dinossauro — ou seria um mamute, peludo e extinto? — num mundo de depiladas históricas. Não se trata apenas de pelos. Uma das minhas colegas de trabalho que faz parte da geração mais atingida por essa onda de perfeição (a das mulheres que ainda não fizeram 30 anos) me contou que uma ex-chefe a achava relapsa por não fazer as unhas toda semana.

Por comparação, acho que vale a pena olhar para o que acontece no mundo masculino. Há uns homens raspando o peito, fazendo a sobrancelha e depilando a barba — além de se submeter a sessões cada vez mais longas de musculação, em busca do corpo perfeito. Muitos chegam a fazer plástica. Mas essa não é a lógica dominante. Os homens, na sua absoluta maioria, continuam peludos, barrigudos, carecas e fora de forma. Somos feios, somos baixinhos, somos magrelos, somos gordos. E assim somos aceitos. E assim somos amados. E assim vivemos: sem nos submeter à tirania do gosto alheio, sem jamais ter nos depilado. Talvez haja algo a ser aprendido com essa diferença, não?

# Beleza cansa

*Ela não garante o interesse de ninguém no longo prazo*

Vivemos num mundo obcecado pela beleza humana. Ela está na televisão, nos filmes, na capa das revistas, no balcão das lojas do shopping e no restaurante descolado, onde garçons e garçonetes parecem modelos.

A beleza nos é oferecida em doses enormes, em vários formatos, para todos os gostos e gêneros. Há loiras altas, morenos fortes, jogadores de pernas grossas e cantoras de barrigas impecáveis. A beleza nos enche os olhos. É um colírio grátis, permanente e intoxicante.

Num ambiente desses, talvez seja inevitável imaginar que beleza é a coisa mais importante do mundo — em nós e nos outros. Essa ilusão circula amplamente por aí, por um motivo simples: a beleza atrai a atenção das pessoas como talvez só a violência consiga com a mesma intensidade.

Diante de uma cena de agressão ou de uma ameaça de violência física, os nossos sentidos se crispam. Quando uma mulher bonita entra pela porta (imagino que um homem bonito cause o mesmo efeito), as sensações também se alteram, mas dessa vez na direção do prazer.

A beleza nos torna atenciosos e solícitos, ao menos por algum tempo. É por isso que ela funciona tão bem nos filmes, nas novelas, na publicidade. O prazer de olhar sequestra os nossos olhos e

monopoliza a nossa atenção. Na outra ponta, ela dá às pessoas bonitas a certeza de que serão notadas e a ilusão de que serão amadas.

Mas isso é totalmente bobagem, não é? Todo mundo sabe, ou deveria saber, que a aparência tem um papel importante, mas limitado, nas relações humanas.

Pense no caso da moça bonita que começou a trabalhar no escritório. Na primeira semana não se fala de outra coisa. Ela é um objeto que os olhos devoram incansavelmente. Passados uns dias, as pessoas se acostumam e o fascínio diminui, até que ela se torne como as outras, bonita, mas normal. Se a moça for uma chata, uma boba, ou uma mosca-morta, o processo de "normalização" é ainda mais rápido.

Isso acontece porque, na vida real, nós fazemos contato com a totalidade das pessoas: seus sentimentos, seus modos, sua inteligência, seu humor, seu charme ou sua integridade. As relações humanas reais formam uma teia densa, complexa, na qual a beleza é apenas um componente — notável, relevante, mas não absoluto.

É possível colocar um planeta inteiro apaixonado pela Shakira ou pelo Tom Cruise porque ninguém tem contato com eles. São apenas imagens bonitas, nas quais as pessoas projetam qualquer tipo de sentimento. Mas ponha o Reynaldo Gianecchini ou a Sabrina Sato para trabalhar na mesa ao seu lado. Em uma semana, você vai estar reclamando de que ela ri muito alto ou que ele se espalha demais para sentar. De perto, todo mundo é meio mala.

E quando se trata de namorar? Em princípio, claro, todos querem gente bonita. Quanto mais bonita, melhor, na verdade. Mas basta olhar em volta para perceber que não funciona assim.

Aquele sujeito que faz o maior sucesso com as meninas do trabalho, por exemplo. Ele chega ao churrasco da firma com uma mulher que ninguém acha bonita — mas pela qual ele é maluco. E a moça linda, coitada, que dança um dobrado na mão de um namorado esquisito e tirânico, que só ela acha irresistível? Há também aquela garota da praia, absurdamente sensual, com quem o seu amigo saiu duas vezes e não quis mais nada — e agora é ela quem fica pegando no pé dele.

É isso, não é? Beleza, nas relações amorosas, vai até a página dois ou três. Cinco ou seis se for a Gisele Bündchen. Depois tem de incrementar com outras coisas. Ou acaba.

Em geral, olhar para a sua garota e achá-la arrebatadoramente linda tem mais a ver com estar apaixonado por ela do que com o fato de ela ser realmente tão bonita. Se ela fosse apenas bonita e você não gostasse mais dela, o olhar seria outro. Vale o mesmo das mulheres para os homens. Quando elas dizem que nós somos bonitos, a mensagem realmente importante é: eu gosto de você, eu vejo beleza em você, eu estou aqui com você há dez anos, há um ano ou há seis meses e continuo interessada no que você diz e faz, naquilo que você é. Por isso, continuo achando você bonito.

Na vida real, a percepção da beleza é mais importante do que a beleza. E tem a ver com um monte de coisas, inclusive a aparência.



# Emoções baratas

*Faz bem ver tantas comédias românticas?*

Dizem que os homens não gostam de comédias românticas. Bobagem. Se apenas as mulheres vissem esse tipo de filme, ele não faria o sucesso que faz. Nem haveria tantos deles. Olhe na sua locadora, veja o que está em cartaz nos cinemas. O número de comédias românticas só aumenta. Minha impressão é de que “todo mundo” gosta. Ou, pelo menos, de que há demanda vasta e heterogênea para as emoções baratas que esses filmes oferecem.

Outro dia, eu vi pela terceira ou quarta vez *Um lugar chamado Notting Hill*. Estava zapeando e dei de cara com a cena em que Anna Scott entra pela primeira vez na livraria de William Thacker, sem que ele saiba que ela é uma atriz mundialmente famosa. Bastaram dois minutos, e eu estava fisgado. De novo. Sob os moderados protestos da namorada, lá fui eu por duas horas de riso e fantasia repetida com Julia Roberts e — em muito menor escala — Hugh Grant.

Eu tenho uma teoria sobre esse filme. Se o expectador do sexo masculino não está apaixonado pela personagem de Anna Scott à altura em que ela, frágil e linda, se declara a Thacker em termos inesquecíveis, talvez devesse rever sua opção heterossexual. “Esse negócio de fama, você sabe, não é real”, ela diz, torcendo as mãos e sorrindo, nervosa. “Eu sou apenas uma garota, parada na frente de um cara, pedindo a ele que me ame...”

*Notting Hill* não é a única comédia romântica pela qual eu sou apaixonado. Adoro *Harry e Sally: Feitos um para o outro*. Tenho em casa *Noivo neurótico, noiva nervosa*. Já vi *Mensagem para você* mais de uma vez. Mesmo *Noiva em fuga*, que não é dos melhores, eu sou capaz de rever sem hesitar. Eu gosto das emoções baratas e dos finais felizes. Gosto dos clichês e dos papéis sexuais claramente definidos. Gosto dos diálogos bem amarrados, das cenas que enternecem, das piadas. Como eu, milhões de outras pessoas também gostam. Por quê?

Acho, em primeiro lugar, que há um déficit de romantismo em nossas vidas. O que esses filmes oferecem é um apanhado de emoções que nos falta no cotidiano. A descoberta de alguém, o encantamento, a aproximação, o romance, a fe-li-ci-da-de... É uma mistura que só aparece de vez em quando na vida adulta, quando aparece.

Uma evidência disso é que o sexo, nas comédias românticas, tem papel secundário. Os roteiros se ocupam de emoções sublimes, não daquilo que as pessoas fazem quando estão sem roupa. Apesar da embalagem debochada e de algumas cenas picantes (como em *Ligeiramente grávidos* e *Ele não está tão a fim de você*), esses filmes são para menores de idade. Transpiram pureza e esperança, amor romântico. Diante desse tipo de história, nos tornamos adolescentes novamente. E adoramos.

Outro componente clássico das comédias românticas é a leveza. Claro, são comédias, alguém dirá. Mas não é bem isso. É a própria vida que, numa história como *Letra e música*, aparece destituída de drama, eviscerada. É tudo descomplicado. O único problema real é a falta de amor, que se resolve tão logo os personagens esgotam seu arsenal de desencontros.

As dificuldades práticas, que consomem boa parte da existência humana, não têm correspondência na trama desses filmes. Tudo se resolve com um passe de mágica, e para sempre. Ao contrário do que acontece na vida real.

Não se pode esquecer da beleza. Há sempre uma dose elevada de beleza nesses filmes, sobretudo feminina. O sorriso de Julia Roberts é único. A desengonçada Meg Ryan foi uma unanimidade ao seu tempo, assim como as graciosas Drew Barrymore e Katherine Heigl são agora. Mas essas mulheres não são apenas bonitas. Elas trazem para a tela personagens cheias de vida, espírito, ironia. A perfeita companhia para uma tarde de chuva.

Imagino que os homens das comédias românticas também apelem ao coração das moças. Eles são gentis e engraçados, imensamente charmosos em suas fraquezas — iguaizinhos aos caras que as mulheres encontram na rua diariamente...

É fácil imaginar que o sedativo das comédias românticas não tem contraindicação, mas talvez não seja verdade.

É possível que esses filmes nos contaminem com uma expectativa falsa, exagerada e até mesmo destrutiva em relação ao amor real. Comparada ao cenário de um filme, a vida de qualquer um de nós é uma chatice feia e insípida. A Londres de *Notting Hill* ou a Nova York de *Harry e Sally* existe apenas para as câmeras — assim como o sorriso de Julia Roberts.

O que acontece quando tomamos essa fantasia como parâmetro para a realidade? Aliás, somos capazes de fazer isso — confundir a ilusão dos filmes com os nossos desejos reais?

Eu não sei, mas acho que pode acontecer. Para nós, humanos, o mundo das aspirações é tão importante quanto o da realidade. Vivemos em um universo de referências culturais e psicológicas. Se

erguemos dentro de nós um cenário de sonho, é fatal que ele seja comparado ao que se apresenta no mundo real, com resultados imprevisíveis.

Talvez o escapismo desses filmes exacerbe as nossas dificuldades com a realidade. Talvez alguns de nós sejam contaminados pelo romantismo das comédias e — mesmo sem saber — passem a vida esperando o par perfeito do cinema.

Ou então, de um jeito igualmente daninho, essas fantasias talvez nos façam olhar para as nossas relações reais com uma ponta de amargura e desapontamento — cadê a beleza perfeita, o humor perfeito, a diversão permanente? Acho que todos já sentiram alguma vez o retrogosto amargo da fantasia cinematográfica.

Dito isso, é bom não exagerar na tese. As pessoas estão vendo filmes românticos no Ocidente há quase cem anos, e a taxa de natalidade (ainda) não se tornou negativa. No Brasil, milhões de pobres morenos assistem ao desfile diário de riqueza e fantasia das novelas — todo mundo é rico, loiro e vive apaixonado — sem que isso tenha provocado ondas de suicídio coletivo.

As pessoas sabem separar realidade de fantasia.

A minha experiência, porém, sugere que os mais felizes em qualquer meio são aqueles que vivem com os pés no chão. São aqueles que se misturam prazerosamente às pessoas e à realidade em torno deles, que fazem parte do cenário e atuam nele. Pessoas felizes vivem intensamente a realidade, não os filmes.

Quando se trata de casais, é o mesmo. Sempre tive impressão de que os melhores, os mais felizes, eram formados por pessoas práticas, capazes de olhar para a vida como ela é — e não como deveria ser num roteiro de filme ou num script de novela.

Quando se é capaz de amar pessoas reais no mundo real, é muito mais fácil ser parte de um casal duradouro. Românticos têm mais dificuldades. Para eles, se inventou o mercado das emoções baratas. Para eles, são feitas as comédias românticas. Elas são bacanas, enchem uma tarde, mas não deveriam realmente influenciar as nossas vidas.

# Solidão contente

*O que as mulheres fazem quando estão com elas mesmas*

Ontem eu levei uma bronca da minha prima. Como leitora regular do que escrevo, ela se queixou, docemente, de que eu às vezes falo sobre “solidão feminina” com alguma incompreensão.

Ao ler o que escrevo, ela disse, as pessoas podem ter a impressão de que as mulheres sozinhas estão desesperadas, e não é assim. Muitas estão bem. Escolhem viver sozinhas, mesmo tendo alternativas. Saem com um sujeito lá e outro aqui, mas acham que nenhum deles cabe na vida delas.

Minha prima sabe do que está falando. Ela foi casada por muito tempo, tem duas filhas adoráveis, ela mesma é uma mulher muito bonita, batalhadora, independente — e mora sozinha.

Ontem, enquanto a gente tomava uma taça de vinho e comia uma tortilha ruim no centro de São Paulo, ela me lembrou de uma coisa importante sobre as mulheres: o prazer que elas têm de estar com elas mesmas.

“Eu gosto de cuidar do cabelo, passar meus cremes, sentar no sofá com a cachorra nos pés e curtir a minha casa”, disse a prima. “Não preciso de mais ninguém para me sentir feliz nessas horas.”

Faz alguns anos, eu estava perdidamente apaixonado por uma moça, e, para meu desespero, ela dizia e fazia coisas semelhantes ao que conta a minha prima. Gostava de deitar na banheira, de acender velas, de ficar ouvindo música ou ler. Sozinha. E eu sentia

ciúme daquela felicidade sem mim, achava que era um sintoma de falta de amor.

Hoje, olhando para trás, acho que não tinha falta de amor ali. Eu que era desesperado, inseguro, carente. Tivesse deixado a mulher em paz, com os silêncios e os saís de banho dela, e talvez tudo tivesse andado melhor do que andou.

Ontem, ao conversar com a minha prima, me voltou uma percepção que sempre me pareceu assombrosamente evidente: a riqueza da vida interior das mulheres comparada à vida interior dos homens, que é muito mais pobre.

A capacidade de estar só e de se distrair consigo mesma revela alguma densidade interior, mostra que as mulheres (mais que os homens) cultivam uma reserva de calma e uma capacidade de diálogo interno que muitos homens simplesmente desconhecem.

A maior parte dos homens parece permanentemente voltada para fora. Despeja seus conflitos interiores no mundo, alterando o que está em volta. Transforma o mundo para se distrair, para não ter de olhar para dentro, onde dói.

Talvez, por essa razão, a cultura masculina seja gregária, mundana, ruidosa. Realizadora, também, claro. Quantas vuvuzelas é preciso soprar para abafar o silêncio interior? Quantas catedrais para preencher o meu vazio? Quantas guerras e quantas mortes para saciar o ódio incompreensível que me consome?

A cultura feminina não é assim. Ou não era, porque o mundo, desse ponto de vista, está se tornando masculinizado. Todo mundo está fazendo barulho. Todo mundo está sublimando as dores íntimas em fanfarra externa. Homens e mulheres estão voltados para fora, tentando fervorosamente praticar a negligência pela vida interior — com apoio da publicidade.

Se todo mundo ficar em casa com os seus sentimentos, quem vai comprar todas as bugigangas, as beberagens e os serviços que o pessoal está vendendo por aí, 24 horas por dia, sete dias por semana? Tem de ser superficial e feliz. Gastando — senão a economia não anda.

Para encerrar, eu não acho que as diferenças entre homens e mulheres sejam inatas. Nós não nascemos assim. Não acredito que esteja em nossos genes. Somos ensinados a ser o que somos.

Homens saem para o mundo e o transformam, enquanto as mulheres mastigam seus sentimentos, bons e maus, e os passam adiante, na rotina da casa. Tem sido assim por gerações e só agora começa a mudar. O que virá da transformação é difícil dizer.

Mas, enquanto isso não muda, talvez seja importante não subestimar a cultura feminina. Não imaginar, por exemplo, que, atrás de toda solidão, há desespero. Ou que, atrás de todo silêncio, há tristeza ou melancolia. Pode haver escolha.

Como diz a minha prima, ficar em casa sem companhia pode ser um bom programa — desde que as pessoas gostem de si mesmas e sejam capazes de suportar os seus próprios pensamentos. Nem sempre é fácil.



# Sobre o Autor

IVAN MARTINS nasceu em São Paulo no mesmo ano em que os Beatles se juntaram em Liverpool. Criou-se no bairro da Penha – que insiste em não sair de dentro dele – e estudou jornalismo na Universidade de São Paulo. Casou-se pouco depois dos 20, pouco depois dos 40 e pouco depois dos 50. Acha que está bom. Desde fevereiro de 2009, publica no site da revista *Época*, da qual é editor, uma coluna semanal sobre relacionamentos que se tornou leitura obrigatória para homens sensíveis e mulheres espevitadas – ou seria o contrário? Este livro é a sua primeira experiência fora do jornalismo.

Copyright © Ivan Martins, 2013  
Gerente editorial: Rogério Eduardo Alves  
Editora: Débora Guterman  
Editores-assistentes: Johannes C. Bergmann e Paula Carvalho  
Assistente editorial: Luiza Del Monaco  
Assistente de direitos autorais: Renato Abramovicius  
Edição de arte: Carlos Renato  
Serviços editoriais: Luciana Oliveira  
Estagiária: Lara Moreira Félix

Revisão: Beatriz Antunes e Jandira Queiroz  
Diagramação: Balão Editorial  
Capa: Estúdio Insólito  
Foto de capa: Color Day Production / Getty Images

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M343a  
Martins, Ivan  
Alguém especial [recurso eletrônico] / Ivan Martins. - São Paulo : Benvirá, 2013.  
208 p., recurso digital

Formato: ePub  
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions  
Modo de acesso: World Wide Web  
ISBN 978-85-8240-032-6 (recurso eletrônico)

1. Crônica brasileira 2. Livros eletrônicos. I. Título.  
13-0674. CDD: 869.98  
CDU: 821.134.3(81)-8

30.01.13 01.02.13 042492  
1ª edição, 2013

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Saraiva S/A Livrários Editores. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei no 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Todos os direitos desta edição reservados à  
Benvirá, um selo da Editora Saraiva.


Rua Henrique Schaumann, 270 | 8º andar  
05413-010 | Pinheiros | São Paulo | SP  
[www.benvira.com.br](http://www.benvira.com.br)


# Leia mais na edição integral de Alguém especial

\* Disponível nas versões  
impressa e digital



Alguém especial • **O amor bom é facinho** • A mulher ideal  
**Amigas são para sempre** • Quando o amor é distração • **Ele não quer transar?** • O manual da etiqueta sexual • **“Aí não, amor!”**  
Pelofobia • **Tem ex que dói** • Quando trair faz bem • **O pior crime do mundo** • Romantismo e safadeza • **Sexo no trabalho**  
E se não for amor? • **Homens não vão embora**  
Aquele casamento ruim... • **Os restos da outra** • O monstro da separação • **Intimidade é uma delícia** • O homem separado  
A nova adolescência • **Mulheres misteriosas** • Beleza cansa  
**Casar várias vezes** • O dono do manual • **Traição e culpa**  
Aversão às mulheres • **Quando as mulheres viajam**  
Fala, garota! • **Casados carentes** • Cadê o beijo na boca?  
**Reencarnar é bom** • Emoções baratas **Solidão é para os gênios**  
A conspiração das mães • **Solidão contente** • **f**mulheres que reclamam • **Atrizes de alcova** • Homens também... envelhecem  
**O mito do cafajeste** • Cantadas ofendem  
**A vírgula invisível** • O corpo enlouquece • **O passado que fica**  
E se ela quiser um tapa? • **Sexo não é simples**  
Invasão de privacidade • **O Homem Novo, meu amigo**  
A dor do provedor

 [benvira.com.br](http://benvira.com.br)

 [/benvira](https://www.facebook.com/benvira)

 [@benvira](https://twitter.com/benvira)

Benvirá

[www.benvira.com.br](http://www.benvira.com.br)